



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

RAFAEL CARNEIRO BRASILEIRO

LITERATURA DO FRACASSO

FORTALEZA

2021

RAFAEL CARNEIRO BRASILEIRO

LITERATURA DO FRACASSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Érico Araújo Lima

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B83l Brasileiro, Rafael Carneiro.

Literatura do fracasso / Rafael Carneiro Brasileiro. – 2021.
53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Érico Araújo Lima.

1. Realidade-ficção. 2. Autoficção . 3. Metaficção . 4. Métodos da escrita acadêmica. I. Título.

CDD 791.4

RAFAEL CARNEIRO BRASILEIRO

LITERATURA DO FRACASSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovado em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Érico Araújo Lima (Orientador)

Universidade Federal do Ceará

Prof.^{ra} D.^{ra} Deisimer Gorczewski

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O trabalho performa, por meio da literatura, um aluno do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC) tentando escrever o seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o Fracasso, pesquisando de que modo este é apresentado na literatura como tema e método de escrita. O texto é composto por um diário e curtos contos desenvolvidos durante o processo, apresentados em sua fracassada incompletude.

Palavras-chave: realidade-ficção, autoficção, metaficção e métodos da escrita acadêmica.

ABSTRACT

The work performs, through literature, a Cinema student trying to write his finishing graduation paper for the Universidade Federal do Ceará (UFC). The research consists on how failure is presented in literature both as a theme and a method for writing. The work is composed by a diary and short stories developed through the process and presented unfinished.

Keywords: Reality-fiction; autofiction; metafiction and methods of academic writing.

O mais difícil de escrever: os agradecimentos.

Agradeço meus pais e meu irmão

Agradeço a paciência do Érico, da Deisimer e do Pablo

Agradeço todas as pessoas presentes no texto, especialmente ----

Como que feito por alguém que só se movia tropeçando, cuja coluna e pernas agem em ritmos dissonantes, formavam não uma linha exibida no espaço, mas um confuso zigue-zague. E o que se via, na verdade, não era nem o caminho nem o caminhante, mas os rastros de areia no chão.

SUMÁRIO

Nota explicativa anexada ao texto escrita em letras miúdas.....	7
Manual de Leitura.....	37
Caderno do Inventar.....	53

(Nota explicativa anexada ao texto escrita em letras miúdas)

Lembro o que pensava quando comecei a escrita: não tenho tempo, não sei quando conseguirei escrever. Hoje vejo o que foi escrito e me pergunto: quando foi que fiz isso?

O que posso afirmar, com certeza, é que o processo começou nas primeiras semanas de dezembro de 2020 até 9 de Abril de 2021, o prazo limite.

Passei o primeiro mês decidindo o que exatamente seria o projeto, ou melhor, tentando lidar com o fato de que minha conclusão não poderia ser a realização de meu roteiro-xodó, uma pesquisa do realismo fantástico no cinema. O problema foi mais difícil de digerir do que de entender: não era possível chamar uma equipe para aglomerar e gravar no cenário principal, um sebo do centro; não era possível alugar os equipamentos do curso de cinema e audiovisual da Universidade Federal do Ceará (por onde estou me formando), logo várias das cenas e composições propostas para o roteiro não seriam possíveis; foi uma questão de saúde mental também, havia acabado de dirigir um outro filme (que deveria ter sido gravado em junho/julho, mas foi adiado para dezembro) e não tinha forças para entrar em ritmo de produção e *set* de filmagem novamente.

Tenho vários outros motivos, precisei inventar muitos para me convencer de que *realmente* não dava para fazer filme nenhum, mas claro que também menciono o que precisa ser mencionado: tudo o que fiz foi realizado em plena pandemia internacional de corona vírus. Não frequentei bares, poucas as viagens e encontros com amigos, longos os dias em casa.

Dito o que poderia ter sido esse trabalho, falo do trabalho em si: o texto que segue é uma investigação do fracasso, um dos resultados de uma contínua pesquisa literária. Julgo que tentei, das maneiras que me foram possíveis durante o período de seis meses destinados ao Trabalho de Conclusão de Curso, escrever. Tropecei na escrita, uma escrita tropeçante.

Eu tentei escrever. Fracassei. Aqui é, em certa medida, o diário desse fracasso.

ETIMOLOGIA

(Fornecida por um estagiário, doente e distraído)

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie de viagem o que importa é a viagem mas no começo a palavra fracasso martelava em minha cabeça a cabeça me martelava e as palavras é quem saíam ganhando nessa história toda comecei no começo a palavra fracasso fracassar fracassado o ato de tentar e fracassar o fracassar em fracassar todo tipo de fracasso amasso casaco que asco traço maço de cigarros e eu tentando escrever um texto que falasse sobre o fracasso enquanto fracassava em falar do fracasso saindo pela tangente de repente ausente nem falava do fracasso nem de fracassar e fracassava enquanto tentava fracassar em falar do fracasso a escrita diária de escrever e fracassar e tentar fracassar já em si sucesso garantido de tentar fracassar porém tentar se autossabotar e continuar escrevendo se esforçar estimular incentivar potencializar o fracasso ao limite-fracasso ao

Alguns fracassos que rodaram em minhas mãos:

- **Bartleby e companhia** de Enrique Vila-Matas: Notas de rodapé para um texto que não existe.
- Mario Levrero com o seu **Romance Luminoso**
- **Bartleby, o escrevente** de Melville
- **Absolutamente nada** de Robert Walser
- **Esperando Godot (tudo o que li de Beckett cabe nessa pesquisa)(Preciso ler mais Beckett)** - Vitória ao esperar Godot indefinidamente? Cumprem perfeitamente seu objetivo de esperar um homem que *pode* chegar. Para quem assiste à peça vê-se outra coisa, dois homens tão imóveis quanto o banco no qual estão sentados.
- Gonçalo Tavares – **Animaescos, Matteo Perdeu o emprego** – narrativa fragmentada, a teoria do romance aproxima-se de um penhasco e pensa para si, o buraco é mais embaixo.
- Caetano W. Galindo – **Sobre os canibais** – O conto “Silêncio” e a dificuldade em fazer o inevitável: morrer. A série de contos juvenil e a horripilante dor de pescoço que o cão sente após um dia de corrida contra o próprio rabo

ETIMOLOGIA

(Fornecida por um vendedor de livros com carteira assinada)

Do dicionário analógico da língua portuguesa¹:

Fracasso relaciona-se com a ideia de falta: movimento que não atinge a meta, trabalho em vão, incompletude, imperfeição, lacuna, desvio. Parar na marcha (o movimento que se esgota), desistir em meio do caminho, ficar no papel (em relação às ideias?), sumir-se (sumir de si?), conformar-se, não sair de sua esfera, ficar dentro de sua órbita, desencontrar (desencontrar-se).

Desencontrar: Horácio e Maga, personagens do Jogo da Amarelinha de Júlio Cortázar:

Os encontros acontecem com o auxílio de dispositivo inventado pelo próprio casal: decidem o dia e em qual bairro farão o encontro, mas não é acertado um local específico. O jogo consiste em vagar livremente pelo bairro, entrando em bares, cafés e livrarias à procura do outro, ao passo que não se encontrar também faz parte do dispositivo, o desencontro é assumido como papel integrante do jogo amoroso que se cria entre os dois. Curioso pensar que toda vez que se encontram isso o acontece em parte por causa do dispositivo inventado, em parte pelo acaso. Tais encontros permitem estratégias desde encontrar uma esquina confortável para aguardar o outro chegar, assim como caminhar incessantemente pelo bairro, movimento que *pode* dar de encontro com o parceiro.

Trabalhar em vão ainda lida com o trabalho, conversa com Deleuze quando este fala do esgotado: “O cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode mais possibilitar.”

Algumas palavras fracassantes que rodaram em minhas mãos: fracassar, fracassada/fracassado, zigue-zague, Nota de Rodapé, bula de remédio, escrever, roubar, roubo, ladrão, fora-da-lei.

A colcha de retalhos assume sua forma fragmentária, o quebra-cabeças aspira à totalidade

1 O dicionário analógico da língua portuguesa não aponta definições, apenas sugere conversas entre palavras.

Dia 22 de janeiro de 2021, 15:18

Orientação com o Érico durante até dez e meia, nossas conversas sempre me deixam com a cabeça fervendo de ideias e desejo de escrever.

Fiquei com a tela do computador ligada até agora, estive a olhar e reler o que escrevi até aqui. Praticamente nada, isso é o que tenho até agora.

Sento no ônibus e pergunto ao passageiro ao lado

“Para onde estamos indo?”

“E eu sei? Pergunte ao motorista”

Aproximo-me do motorista

“Para onde vamos?”

“Não sei, pergunte ao ônibus”

24 de janeiro de 2021, 01:40

Hoje não consegui escrever nada. Passei a manhã lendo “colóquio dos cachorros” e assistindo ao *The Wire: Se vier me matar, não erre*. Maratonei a primeira temporada, achei incrível, mas por alguma razão decidi não seguir com a série.

Consegui imprimir as fotos de A e N, mas quase perco o horário de gráfica.

25 de janeiro de 2021, 01:27

Hoje o montador me ensinou o mnemônico que aprendeu para decorar a grafia da palavra *leitura* em japonês

読

Para lembrar que significa leitura, ver que à esquerda é o *vendedor*: a boca (o quadrado) e a voz que se propaga, como um grito (os crescentes traços acima do quadrado). Pensar no vendedor anunciando seu produto. O vendedor é seguido por *palavra*, o símbolo à direita e que já não lembro a explicação para contar. A tradução de leitura é, de certa maneira, “vendedor de palavras”.

Eu e o montador conversamos horas sobre isso, cheguei ao ponto de afirmar com uma segurança inesperada que isso é o bastante para disparar a escrita de um bom texto, um conto. Como não ver: a oralidade da palavra, o vendedor gritando palavras, a manufatura e venda das palavras.

O montador provocou: um texto requer tempo, uma boa ideia serve apenas para uma boa conversa.

26 de janeiro de 2021

São 18:18, estou com ---- ao meu lado. Lidar com as inseguranças com alguém por perto é sempre mais difícil.

28 de janeiro de 2021

Passei a semana com minha companheira. Enquanto estamos juntos, pouco faço. Escrever não é possível. Tenho à disposição um pequeno quarto que está repleto de livros, poeira e uma cama. A falta de outros cômodos impossibilita um trabalho mais solitário quando ela está por aqui, escrita em que posso elaborar sobre questões que tomam conta de mim e me movimentam. Sinto-me em paz quando estou com minha companheira, mas não consigo escrever em paz. Escrevo exatamente para fugir de meus pensamentos. Quanto mais escrevo, menos penso.

Acredito que todo relacionamento passa por um certo ponto (considerando ser um relacionamento entre duas pessoas): ambos estão envolvidos emocionalmente e querem estar juntos, ambos têm compromissos e responsabilidades que também pedem atenção.

29 de Janeiro de 2021 15:58

Essa semana visitei um amigo que não via há muito tempo. Recebeu-me em casa, estava sem camisa, cabelos soltos, mas o rosto não me dizia se deveria recebê-lo com um sorriso ou se mantinha-me sério. Tocamos os cotovelos e ele me fez namastê, as palmas das mãos juntas que dançavam entre nós dois.

Ele me mostrou seu aquário, falou de todas as espécies, fossem os peixes que nadavam insistentes contra a maré artificial ou as plantas que dançavam dissidentes observando os peixes a nadar. Lembro dele ter dito o quanto era grato por ver, no aquário, a parte de baixo de uma planta que se estendia em círculo na superfície da água, disse que aquele ângulo era muito raro para ser visto na natureza. Falou como o quintal ficaria seis meses depois, falou como o faria para que ficasse do jeito que queria. Mostrou o aparelho que comprara de manhã e que permitia ter acesso a todos os canais de televisão e antigos jogos de videogame por vinte reais mensais, comentamos que era surreal, o futuro é isso, algo assim. Jogamos bomberman por trinta minutos, revezávamos o único controle de nintendo quando as vidas acabavam. Fumamos maconha, mas não sentimos fome, não teve larica.

Enquanto voltava pra casa pensava na planta que vimos no aquário e não consegui lembrar dela, só lembrava o que meu amigo tinha dito.

Essa semana eu também tentei escrever um conto. Escrevi, reescrevi, continuo insatisfeito. Isso é tudo o que posso dizer.

Dia 30 de Janeiro

São quase duas da madrugada. Hoje o fracasso foi imenso, estou sem condições de escrever. Tentarei amanhã.

D falou que em meu projeto estou tentando fracassar. Achei justo.

Dia 31 de Janeiro 23:30

Estou com o corpo todo dolorido, ---- me ajudou fazendo massagens e contando histórias. Passei a tarde e noite conversando com D sobre o que aconteceu ontem.

No começo de tudo salvamos uma garça, aconteceram tantas coisas que acabei esquecendo disso.

Enquanto comíamos pizza, percebi que estava repleto de hematomas. Continuo sem condições de escrever mais.

Primeiro de Fevereiro 22:00

São vinte e duas horas em ponto, os dois zeros me olhando como olhos que julgam minha recente falta de compromisso com a escrita.

Passei o dia trabalhando, estou fazendo o som direto de um curta-metragem. Meus braços continuam doendo, não sei se são dores de sábado ou de hoje.

02 de Fevereiro 10:50

Sábado fomos em três fazer um passeio de caiaque pelo rio Pacoti. Nossa expectativa era descer o rio do Aquiraz até a praia, mas adianto que não fizemos nem um quarto do percurso.

O rio estava bloqueado com muitos galhos, a maior parte do tempo foi a gente levando caiaques por terra. Avançávamos de dez em dez metros, no máximo. O peso dos caiaques machucava nossas mãos (que agora escrevem cheias de calos e arranhões) e o suporte que segurávamos para carregar era muito fino e desconfortável.

A previsão era terminar o percurso 16h, mas deu 20h e ainda estávamos no meio do mato sendo devorados por mosquitos borrachudos e com apenas duas lanternas para três pessoas. Se continuássemos, terminaríamos o percurso de madrugada. Eu não estava disposto, não fizemos.

Entramos juntos no mato, saímos juntos. Logo nos primeiros cem metros da aventura encontramos um cemitério de garças, pelo menos quatro corpos pendurados nas árvores marginais ao rio por pedaços de plástico. Não consegui me aproximar para fotografar, não sei, acho que eu não tinha dúvidas do que veria se me aproximasse. Escutamos um bater de asas e vimos uma quinta garça ainda viva tentando voar, suas tentativas forçavam o plástico à qual estava presa, mas não era forte o suficiente para se soltar sozinha.

Estávamos no lugar certo, na hora certa. E com as intenções certas. Soltamos a garça e senti uma alegria imensa. Engraçado, pois o cansaço me fez esquecer até dessa alegria que senti.

Mais para o fim, escutamos uma raposa numa distância de não mais do que cinquenta metros da gente. Não dei importância, não sabia que podem ser perigosas quando acabam de ter filhotes. Seja como for, nada aconteceu.

25/02/2021 1:04

São 25 de fevereiro. Eu passei praticamente um mês sem tocar no arquivo. Foram vinte e três dias. Vinte e quatro, contando que estou escrevendo de madrugada. Passou tudo tão rápido.

Não fiquei sem escrever. Estive a fazer curtos textos e anotações nos cadernos. Não roubei mais nenhuma frase, nem escrevi sobre os dois vendedores de palavras. Dois homens que vendem livros em barraquinhas nas ruas, um fica a recitar frases retiradas dos textos que está vendendo, longos solilóquios que ninguém ficava para ver por completo. O outro vendia palavras. Palavras solitárias nos longos horizontes dos mapas, palavras amontoadas de maneira que quase formam uma espécie de borrão, a distância da tinta tão pequena que mais parece uma mancha como nas bulas de remédios, as utilidades sem aplicações na vida real dos manuais de instruções. Não era sobre o conteúdo, mas mais algumas possibilidades de combinações que as palavras podem fazer.

Isso *era* o que eu queria escrever, mas não o fiz. Não consegui, está pela metade. Ou melhor, está só a metade. Sem começo, sem fim. Que nem esse diário, até isso está incompleto. Faltam poucas semanas para as apresentações e estou sem nada para apresentar, nada para defender. Pelo menos Bartleby escreveu *alguma coisa*, antes de preferir não continuar, preferir o não.

Como deve se sentir meu orientador em ver uma pessoa com processo criativo tão caótico? Minto, não é caótico. Para ser caótico é necessário haver *algo* para só aí a desordem fazer sentido. Aqui não tem desordem, as páginas que se seguem são apenas uma porção de textos que gostaria de ter escrito, mas não o pude fazer. Meu orientador deve sentir pena, o sentimento dos privilegiados. Privilegiado por estar a dormir tranquilo, talvez. Ou se preocupar com outras coisas, é um homem resolvido. Gosto de pensar assim. Descobrir que também fica madrugada adentro se perguntando o que está a fazer da vida seria demais para mim, talvez não suportasse. Não suportaria sentir pena dele como ele provavelmente sente de mim.

Millor dizia: errar é humano. Botar a culpa nos outros também.

Pois bem, estou sem ter em quem pôr a culpa. Tenho só instituições, coisas maiores-que-a-vida e difíceis de aceitar como culpadas. É claro que é culpa do capitalismo (também), assim como tenho um quê de responsabilidade nisso.

Preciso voltar um pouco. O que estiver a fazer nesses vinte e três, quase vinte e quatro dias? A palavra *viver* vem com um gosto amargo na boca. Impossível seria não estar vivendo. Então é isso o que quero dizer: estive esse tempo todo vivendo, sim, admito. Mas não sei o que estou fazendo com minha vida. Estou a montar mais um filme, estou trabalhando em projetos que surgem para trabalhar como *freelancer*, arrumando meus livros nas estantes, estudando Robert Bresson. Não sei bem o que posso dizer sobre tantos dias.

Sou um trabalhador da cultura, pelo menos é o que me ensinaram na universidade, no entanto quando vou fazer meu balanço mensal de gastos percebo que viver com cultura no Brasil é, na verdade, estar à procura de editais e projetos como uma mosca procura o calor da lâmparina. Porque é claro que conseguirei trabalhos, há oferta para audiovisual em toda parte. O que não há é carteira assinada, pelo menos não é comum. Não há liberdade nem na cultura. O liberalismo já tomou conta de tudo. Tudo bem, pelo menos *ainda* estou trabalhando. Só não sinto que sou tratado como trabalhador.

Peço desculpas pela demora nas escritas, peço desculpas por ter simplesmente falhado até aqui, peço especiais desculpas ao meu orientador e a eventual banca que será inevitavelmente exposta aos atentados contra o bom senso que aqui estou construindo.

O que estou a fazer aqui, visto que já fracassei? O que estou a escrever se não é o fracasso que se faz em si, o esgotamento do fracasso, a função derivada tendendo ao infinito.

O fracassado só nasce depois do fim, depois do erro, depois que o fracasso está oficialmente no mundo, registrado em cartório e com documentos em mãos.

Hoje, então, pode ser declarado o óbito desse TCC. E de toda a minha confiança nele.

25/02/2021 14:24

Ontem foi o último dia do trabalho desse diário, hoje é oficialmente o primeiro dia no pós-vida.

Não me levem a mal. A vida de vagabundo não é fácil, mas admito que não é a que estou vivendo. Estive a realizar os mais diversos trabalhos de audiovisual que vem surgindo, especialmente trabalhos de som. Nunca me imaginei trabalhando como técnico de som, não foi o que estudei na universidade. Foquei sempre nas disciplinas de contação de histórias (roteiros e afins) e em estruturas mais livres de criação. Para o som, fiz pouco mais do que o mínimo. Sorte a minha que meus contratantes não sabem disso.

Este trabalho poderia ter sido muita coisa, mesmo nesse formato de diário. Para quem questionar esse processo tão sem norte, argumento: o uruguaio Mario Levrero fez também um diário fracassado. Mario conquistou a famosa bolsa *Guggenheim* para a finalização de seu livro, um projeto que estava já com cinco capítulos escritos quando foi submetida ao edital da bolsa. É claro que não estou falando à toa desse livro: Levrero fracassa durante o processo, não consegue finalizar o livro. Pior, não consegue escrever uma única linha para continuar o que já estava escrito. O que é o romance luminoso? São quase 600 páginas de diários no qual ele fala de si, dos seus dias e suas idiossincrasias. É um velho e doente homem que vive a ler antigos romances policiais e a passar madrugadas jogando em seu computador. É solitário e por vezes repulsivo.

O que me interessa nesse livro é uma questão de jurisprudência. O livro foi escrito e publicado, chegou a receber prêmios e é tido como um importante livro na história da literatura uruguaia. Foi até traduzido para o português e publicado pela companhia das letras. Se ele fez, eu posso fazer também. Esse meu fracasso sem glamour, sem charme, sem ritmo, sem graça, sem histórias, sem detalhes, sem pontos de virada ou personagens bem resolvidos.

Por isso acho justo discutir o que poderia ter sido. Ou melhor, nada tem a ver com justiça. Está mais permeado por desejos, orgulho e um quê de egoísmo.

Comecei com o desejo de escrever com o fracasso. Não defini-lo, não delimitá-lo. Tratá-lo com o respeito necessário com que se fala das coisas inevitáveis da vida. Porque é um fato, sabemos: todos os caminhos passam por fracassos. Todo sucesso tem, pelo menos, um fracasso acompanhando-o por trás, preparando seu almoço e lavando suas roupas, dando o suporte nos dias difíceis, os desabafos no escuro antes de dormir, os cafunés permeados de silêncios cortantes.

Tentei escrever sobre o fracassado. A figura da pessoa que tem metas e falha em atingi-las. Escrevi a ideia que não encontra forma para se materializar, segue apenas como ideia abstrata vivendo dentro da cabeça por momentos efêmeros. Personagem com vícios, vil e devasso. Que tivesse culpa, culpa com nome e *background*. Pensei no personagem puro, o idiota de Dostoiévski, a pessoa que acredita tanto nos outros e nas instituições que resta apenas a possibilidade de se frustrar ao conhecer as pessoas

sabotadoras em sua vida. Sim, os sabotadores, as pessoas que participam ativamente nas engrenagens da sociedade para fracassar o plano dos outros. Todos nós temos os nossos sabotadores, todos acabamos sabotando outros, mesmo que indiretamente. Toda história pode ser contada do ponto de vista do fracasso.

O personagem fantástico, a pessoa que fracassa incessantemente em tudo o que faz. Como seria a rotina de alguém que falha ao pagar as contas e falha também ao tentar fazer as tarefas mais mundanas, o fracassado mais mortal.

O fracassar também me inquietou. O verbo, a ação. O que é exatamente fracassar? Fracassa aquele que tem uma crise nervosa e entra em depressão, quem não consegue entrar no jogo da vida, das fofocas e competitividade de quem participa. Fracassa também aquele que acabou dormindo no ponto, aquela que escreve por escrever, sem ter ponto de chegada e por isso transformando a escrita num salto no escuro. Um salto no escuro pode ser divertido para quem lê. Esse diário, não.

Hoje estou me sentindo especialmente culpado em relação aos colegas de turma que tive durante o curso. Não devo nada a ninguém, duvido que alguém vá se dar ao trabalho de ler o que escrevi. Para quem tentar, lamento o transtorno. Fico pensando nas conversas nos corredores quando amigas contavam seus sonhos, os filmes que um dia se tornariam imagem e som, deixando de ser palavras empolgadas. Os filmes de amigos que continuaram ideias, que ofereceram não quinze minutos (média de duração de curta-metragem) de arte, mas noites de porre para tomar umas e outras. Nas pessoas com quem montei duplas, trios e grupos para escrever projetos, produzir filmes.

Eu não consegui fazer jus a todo o incentivo que recebi por partes de quem estava comigo nessa caminhada. Dar conta de trabalhar, montar um filme e ainda por cima escrever um TCC é demais. Se isso tudo está me servindo de alguma coisa é para aprender a reconhecer meus limites de tempo. Porque também tenho que namorar, encontrar amigos, ler, sonhar (literalmente sonhar, minha rotina de sono está um caos), procrastinar, assistir a filmes, pesquisar, ajudar nas compras de casa, distrair-me com videogames, estudar sobre inteligência artificial e novas tecnologias, imaginar mundos por-vir, comprar novos sapatos pois meus all-star pretos já estão desgastados demais, ir à livraria, comprar máscaras novas, olhar as redes sociais, produzir interações nas redes sociais, ir à terapia, ter a terapia encerrada por sua terapeuta, procurar nova terapia, escrever o diário, tentar escrever histórias narrativas.

É uma pena pensar em todos os conceitos acadêmicos que estudei e todos os que desconheço que vivem cruzando comigo e que não conseguirei articular nesse texto, toda a escrita como processo, o texto que se forma em atlas, os rizomas (sempre no plural).

Deixo claro: nada me incapacitou, cognitivamente falando, durante esses meses. Claro, senti falta de meus remédios para ansiedade. Mas se estou escrevendo hoje,

agora, é por causa do prazo final. Recebi mensagem de uma amiga que também está tentando se formar dizendo que o prazo de apresentações do TCC começam no dia 17 de março, ou seja, falta menos de um mês. O prazo me assusta. Preciso escrever mais para poder construir um fracasso.

Tentar escrever, acima de tudo. Não antecipar o fracasso.

[15:48,25/02/2021] ----: Te amo, passarim

[15:48,25/02/2021] ----: Tô com saudade

[15:48,25/02/2021] ----: Como tá por aí?

[15:48,25/02/2021] ----: Que calor da porra

[15:50,25/02/2021]RafaelBrasileiro: Benzim, também tô com saudade

[15:50,25/02/2021]RafaelBrasileiro: Tô indo jaja pro montador

[15:50,25/02/2021]RafaelBrasileiro: Tô ansioso, estava sentindo minhas “dores”

[15:51,25/02/2021]Rafael Brasileiro: Consegui escrever um pouco, estou aceitando que fracasso

[15:51,25/02/2021]RafaelBrasileiro: Que fracassei*

[15:51,25/02/2021]Rafael Brasileiro: ----, passei 23 dias sem nem abrir o arquivo do TCC

[15:51,25/02/2021]Rafael Brasileiro: Se eu tivesse escrito um parágrafo por dia

[15:51,25/02/2021]RafaelBrasileiro: Já tinha terminado

[15:54, 25/02/2021] ----: Todo mundo fracassa, Rafa

[15:54, 25/02/2021] ----: Benzim, achei que estivesse escrevendo o diário às vezes...

[15:54, 25/02/2021] ----: :(

[15:55, 25/02/2021] ----: Mas isso vai mudar, benzim

[15:55, 25/02/2021] ----: Você escreveu um desabafo hoje

[15:55, 25/02/2021] ----: E isso já é um recomeço

[15:55, 25/02/2021] ----: Você precisa pensar outras estratégias

[15:56, 25/02/2021] ----: Tenta vídeo diário também

[15:56, 25/02/2021] ----: Sei lá, se grava falando que não conseguiu nem escrever o diário, já que não está conseguindo escrever

[15:57, 25/02/2021] ----: Vai dar certo, Rafa

[15:57, 25/02/2021] ----: Queria muito ajudá-lo nessa

[15:57, 25/02/2021] ----: Vamos nessa, benzim

[15:57, 25/02/2021] ----: Você vai conseguir! Acredito em você. Acreditamos

[15:58, 25/02/2021] ----: Mas não escreveu, não pode ficar remoendo isso, agora é seguir em frente

[16:06, 25/02/2021] ----: Conte comigo

[16:06, 25/02/2021] ----: Queria tanto te ajudar

[16:15, 25/02/2021] ----: Fica bem

[16:27, 25/02/2021] ----: Bom trabalho lá no montador, benzim

[17:21, 25/02/2021] Rafael Brasileiro: Tá tudo bem, minha vida

Preciso fazer uma nota especial de desculpas para minha companheira, até porque não a mencionei no outro dia quando também estava pedindo desculpas. Ela tem me apoiado o tempo todo, está sempre me incentivando. Fui injusto ao dizer que não consigo escrever com outras pessoas, como se dissesse que não escrevi porque estava com ela. Não é verdade. Não escrevi por mim. Pode até parecer óbvio, mas só se torna óbvio depois de dito.

26/02/2021 14:38

Hoje estou escrevendo durante a aula, foi o único momento que consegui. Passei a manhã fazendo propostas e ajeitando documentações para participar do festival de cinema do Vale do Jaguaribe. Nota para minha autoestima: fui convidado pelo curador. É importante, pelo menos uma vez, aceitar que existem pessoas que podem gostar do que faço.

Esse projeto estava completamente morto, abandonado aos cães. Para eu retomar esse processo e sentir que continuava vivo foi necessário uma parte da burocracia envolvida com a formação acadêmica na UFC: tive que ler e realizar o edital de atividades complementares. Na verdade é uma burocracia meio estúpida, mas enquanto fazia fui obrigado a pesquisar os meus caminhos na universidade, buscar comprovantes, declarações, *clipping* de exibição dos filmes e obras que produzi em festivais de cinema, notícias de jornal anunciando prêmios, livros publicados, divulgação de eventos que participei. Fazer foi perceber um pouco a dimensão do meu caminho, foi como olhar o mapa de uma região repleta de dunas e pensar: eu movi um pouco esses grãos, sou parte da duna também.

O Érico hoje me deu apoio necessário para continuar tentando. Tentar escrever, acima de tudo. Não antecipar o fracasso. Já não sei se fracassei, se vou fracassar ou se estou fracassando. A esperança de dar certo ainda inexistente. Continuo por hoje, é o que posso fazer.

Há semanas reli o jogo da amarelinha, achei que poderia ajudar por ser um livro que lida bem com o caos e o adota como potência criativa. O efeito foi contrário: senti inveja de Cortázar que conseguiu criar conexões e desconexões entre textos tão estranhos e únicos. Fiquei a pensar em minhas escritas e senti o oposto, percebi a repetição em minha fala, a redundância. O livro se ressignificou para mim, não fiz anotações e dei mais atenção ao que não funciona. Senti raiva do Horácio Oliveira, senti-me estúpido por um dia ter caído nos papos sedutores de um homem de quarenta anos que vive vagabundando por Paris. A forma como trata Maga, como a desmoraliza e

desincentiva as opiniões dela me deixaram inquieto, uma sensação estranha no coração. Não é a primeira vez que vejo um homem que não me agrada nessa pesquisa, o Mario Levrero também tem um jeito especial, assim como Horácio, de me causar uma certa repulsa.

O capítulo sete continua sendo um dos textos mais belos que já li. Transforma-me num ciclope apaixonado, nem que seja durante a leitura de uma única página.

Chorei com os encontros de Horácio e Maga pelos bairros da capital francesa (antes de passar a odiar o Horácio). Não sei se chorei porque o texto é bem escrito ou por causa do momento que estou a ler o texto. A pandemia não me permite passeios de bicicleta, participar de saraus, uma mesa de bar em plena quarta-feira, tarde olhando as prateleiras repletas de livros empoeirados nos sebos do centro.

Estive a dar voltas para falar de um assunto importante, desconversei algumas vezes por aqui: estou no processo de montagem do meu terceiro filme. Estou há quase três meses junto com o montador buscando lapidar e tornar as imagens e sons captados num filme, discurso com imagem em movimento.

Ontem passamos horas diminuindo o corte atual que temos. A duração de meia-hora torna o filme, do jeito que está atualmente, incapaz de ser exibido em festivais. É muito raro um filme com duração maior do que vinte e dois minutos ser selecionado pela curadoria de festivais.

Estou a desconversar novamente, mal falei do filme em si. Não sei se consigo. O filme é dirigido por mim, mas o que idealizei no começo do projeto, quando escrevi os desejos e enviei para o edital que foi aprovado, é bem diferente do filme que realmente está se tornando. É bom, de certa maneira. Ajuda-me com a autoestima ver e sentir as várias vozes que se operam no processo, distinguir as singularidades das pessoas envolvidas.

O filme é sobre pássaros. Pronto, falei. Quer dizer, é sobre o passarinhar. Observar, pesquisar e interagir com pássaros. É menos sobre pássaros, mais sobre pessoas que lidam com pássaros. Ou é o que eu *acho que é*. Ou melhor, é o que eu posso dizer sobre o filme. Para cada um que assiste ao filme, um filme diferente.

Tenho o grande desejo de escrever um texto apenas com a vogal A, um lipograma que suprime as vogais E, I, O e U. Mas a escrita assim é demorada, requer escrever e

reescrever (há quem diga que a escrever é reescrever), e o prazo que tenho não me permite arriscar passar a tarde tentando escrever algo que no fim não dê em nada. Resta o trajeto em linha reta, evitar os desvios e atalhos, optar pelo asfalto reto, as esquinas curvadas em noventa graus: escrevo incessantemente, os dedos dançando nas teclas do computador, fujo da releitura do que escrevo, preencho palavras na tela pensando no número de páginas, na quantidade de palavras, assumindo a redundância e o discurso vago de quem não tem o que dizer e insiste falando. Para quem leu até aqui, não se engane: os números não estão escritos por extenso ao acaso. O texto acaba ficando bem maior quando escrevo “vinte e três” em vez de usar os números em si.

27/02/2021 09:38

Escrevo durante a primeira reunião do ano do LAMUR (Laboratório de Artes e Micropolíticas Urbanas).

Na noite anterior sonhei com ---- dizendo: sonhei com você ontem.

x – Escolha um cômodo de uma casa, seja qual for: banheiro, sala de estar, quarto, varanda, quintal, etc

y – Decidir um número de 1 a 24

z – Escolher um item (de 001 até 999) da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

Composições:

Depois que caiu a ficha, passei y hora(s) lá na(o) x pensando em sobre como é ter z

Fazer cálculo do “mínimo necessário” que eu precisava ter escrito diariamente para ter finalizado o TCC em 23 dias:

Sendo o TCC em formato de monografia, a média é de 50 páginas.

Sendo o TCC um memorial a média é de 25 páginas

Como não sei exatamente o que é esse trabalho, farei a média para 50 páginas:

Matemática elementar: se tivesse escrito uma página por dia, teria feito 23 páginas de material. Logo, precisaria ter feito pelo menos duas páginas por dia para estar quase terminando.

Mas não fiz, então seguimos para cálculo um pouco mais complicado. Em uma página nas quais as normas ABNT foram seguidas temos em torno de 3000 caracteres. Cinquenta páginas são, portanto, 150.000 caracteres (cento e cinquenta mil).

150.000 caracteres divididos para 23 dias fica = 6521,7391... a quantidade de caracteres que eu necessitava ter escrito diariamente durante os 23 dias para estar quase terminando TCC.

Enquanto escrevo tenho um total de 26.775 caracteres. Achava que tinha feito mais.

projetoacademico.com.br/quantas-paginas-deve-ter-um-tcc/#Precisando_de_um_TCC_pronto

Quantas páginas deve ter um TCC?

01/11/2018 17:03 1 Comentário

Índice de Navegação

1. O que são normas ABNT?
2. Precisando de um TCC pronto?
3. Precisa formatar seu trabalho?
4. Serviço de escrita de Resumo
5. Serviço de escrita de dissertação
6. Fazemos seu trabalho de pesquisa
7. Serviços de edição e revisão
8. Quantas páginas um TCC deve ter?
9. Páginas obrigatórias no TCC
 - 9.1. Pré-textual
 - 9.2. Textual
 - 9.3. Pós-textual
10. Dicas adicionais para fazer um TCC
11. Está com dificuldades para fazer seu TCC?
 - 11.1. Serviço de Escrita
 - 11.2. Escrita de Dissertação
 - 11.3. Trabalho de Pesquisa
 - 11.4. Serviços para Teses
 - 11.5. Edição e Revisão
 - 11.6. Serviço de TCC Pronto

O trabalho de conclusão de curso é um dos projetos mais importantes desenvolvidos pelos estudantes antes de terminar um curso. Para este trabalho, é exigido diversas normas e regras que têm

Temas para TCC sobre Atendimento Pré-hospitalar (APH): dicas, sugestões e ideias

Temas para TCC sobre Agronegócio: ideias, exemplos, dicas e sugestões

Temas para TCC sobre Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil

Temas para TCC sobre Gestão Financeira: sugestões, dicas e exemplos

Temas para TCC sobre Cirurgia Plástica: ideias, sugestões e dicas para você mandar bem

Ideias e Sugestões de Temas para TCC sobre Fisiculturismo

Dicas e Sugestões para Temas de TCC sobre Estética e Beleza

Sugestões de Temas para TCC sobre Quimioterapia: dicas e cuidados com seu trabalho

Dicas e Sugestões de Temas para TCC sobre COVID-19/Corona vírus

Temas para TCC de Segurança Alimentar: exemplos, modelos e sugestões

Últimos Comentários

- Isabela em Temas para TCC Serviço Social
- Elaine em Temas para TCC Gestão de Pessoas: modelos de exemplo e sugestões
- Terno Paulo Cossa em Como cumprimentar a banca do TCC: dicas e sugestões
- Terno Cossa em Como cumprimentar a banca na apresentação do TCC: dicas e

Precisa de ajuda com os estudos? Estamos prontos para te ajudar!

Hoje estive a pesquisar quantas páginas são necessárias para um TCC e me deparei com esse site oferecendo um serviço que fez meus olhos brilharem: Serviço de TCC Pronto (STP para abreviar)(A abreviação fui eu que criei). Fiquei tentado a contratar o serviço. Primeiro pensei num teste, uma coisa “só-pra-ver-como-é”, mas não me enganei por muito tempo, senti logo que o negócio estava mais para um “ah-quem-dera”.

Como explicar à pessoa do STP esse meu projeto? Se eu contratar o serviço e a pessoa fracassar, será isso um sucesso?

01/03/2021 21:29

Ontem tive uma crise ansiosa, não consegui escrever.

Os números de mortos por corona vírus não param de aumentar, tudo voltou a fechar. Sinto-me vulnerável, estou agora com *saudade* dos meus remédios para ansiedade. Talvez minha relação com eles realmente não fosse saudável.

O prazo para marcar a defesa do TCC é até amanhã, hoje fiz os convites junto com o orientador. Minha defesa será, ao que tudo indica, dia 09 de Abril às 9 horas.

A finalização do filme também deve ser até o dia 06 de Abril. Isso incluindo a montagem, edição de som, divulgação nas mídias sociais e a famigerada prestação de contas.

Fazer um dos processos já é demais, mas ter que finalizar os dois ao mesmo tempo parece impossível. Talvez seja mesmo.

Observação: Vi que minha carteira de motorista também precisa ser renovada até Abril.

Segunda observação: todos os anúncios online começaram a sugerir livros e cursos para escritores. Especialmente um me marcou, uma manchete: "Como começar a planejar um livro: o planejamento". Senti-me estúpido.

02/03/2021 00:51

Hoje o orientador falou que é desorientado e desorientador. Para os professores recém-convidados que aceitaram estar presentes na banca de defesa desse trabalho, peço desculpas em envolvê-los nesse processo de desconversa.

Agamben fala da relação entre o estupor e o estúpido. As vezes me sinto idiota escrevendo esse trabalho. Muitas vezes. Tenho especial dificuldade em descrever ou falar disso com alguém, um segredo demasiado frágil para passar de mãos em mãos. Como posso ficar surpreso com o fracasso desse trabalho?

A menina do conto de Salinger criou para si um namorado imaginário. Passam o conto todo subindo e descendo a rua, a menina com gestos espalhafatosos transparecendo a ingenuidade das crianças, o namorado com gestos invisíveis.

Retornando para casa, a filha conta para a mãe que o namorado foi atropelado. A mãe não reage com muita animação. Antes achava que o namorado imaginário conferia à filha um ar de louca, agora o namorado não existe mais, mas sua visão da filha não mudou.

03/03/2021 1:35

Estou com dor nas costas e de resto foi um dia como todos os outros, exaustivamente longo. Amanhã tentarei mais. Fico devendo os seis mil e tantos caracteres diários.

03/03/2021 21:36

03/03/2021 01:12

Dei a última entrada as nove e meia, mas não lembro o que ia dizer. Ou melhor, já não faz tanta diferença. Explico: decretaram um novo lockdown por causa do corona vírus. A ideia de ter que continuar a trabalhar durante isso tudo me deixa furioso. Pare o mundo que eu quero descer.

Estive imaginando mais e mais sobre o STP, seu modus operandi, os funcionários, a diretoria. Até preparei um e-mail para enviar:

Olá a todos do Serviço do TCC Pronto, desejo que estejam bem durante esse período de Pandemia

Chamo-me Rafael e estou finalizando meu curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Ceará. Vi, por meio de anúncios na internet, algumas informações sobre o serviço que oferecem e gostaria de tirar algumas dúvidas para entender um pouco melhor.

Primeiro gostaria de dizer que admiro muito o que fazem. O trabalho de Conclusão de Curso está sendo especialmente difícil para mim e estou precisando de ajuda. Não

consigo descrever a emoção que senti ao saber que existem boas pessoas especializadas em serviços assim. No começo até senti que poderia ser mentira, mas logo repensei. É claro que existe, faz todo o sentido. A quantidade de pessoas que se formam em ensino superior é enorme e sempre haverá serviço para o tipo de atividade que vocês exercem.

Bem, sem demorar demais: estou (tentando) realizar o TCC chamado “Literatura do Fracasso”. É uma livre investigação sobre o fracasso. Estou há anos pesquisando autores e autoras que também pesquisaram o assunto. O objetivo não é delimitar ou definir as várias formas de fracassar, nem exatamente falar de fracassados e fracassadas, nem de fracassos específicos. Não sei bem o objetivo, para ser sincero. E acho que isso já diz muito sobre como está minha relação com esse trabalho, né?

Gostaria também de saber quem fica responsável pela escrita do trabalho. Considero-me uma pessoa comunicativa, então conversar sobre o assunto (por uma videochamada, claro) é essencial para mim.

Procurei por alguns sites, porém nada vi sobre os valores cobrados. O projeto não é exatamente complicado, o tema é comum a todos. Não estou me formando em engenharia nem medicina para pesquisar um tópico extremamente específico. Nem de cinema estou falando. Isso, unido ao fato que me formar em cinema significa trabalhar sem carteira assinada e sobrevivendo completamente pelas regras do mercado neoliberal e sua *gig economy*, o valor que posso pagar não é alto.

Leiam bem, é o que valor que *posso* pagar. Porque o valor justo por esse tipo de serviço, para a minha situação atual, é inestimável.

Seguimos conversando,

R.

05/03/2021 15:20

Assisti a toda uma série, terminei o “nove histórias” Salinger e outras grandes coisas. O que a tijola falou para o tijolo? Não seja cimento.

Já faz dois dias que não tenho resposta, então enviei uma nova mensagem para o STP:

Olá,

Envio e-mail para reforçar o contato e o desejo. Talvez eu tenha parecido muito desesperado, posso ter assustado. Se for este o caso, lamento muitíssimo. Estou com dificuldades para fazer um único TCC, imagina assumir a responsabilidade de outros. O que quero dizer com isso é que tenho admiração pelo trabalho de vocês (e nada mais).

Aproveito para reforçar que já fiz um rápido levantamento financeiro de minha situação atual e estou disposto a pagar 100 reais por uma pequena prévia do que o texto pode ser, caso passe a ser um trabalho de vocês também. A prévia precisa ter pelo menos 600 caracteres e a autora (ou autor) terá total liberdade.

Seguimos conversando,

R.

06/03/2021 00:19

O pessoal do STP não me respondeu. Estou o tempo todo pensando no que vão me enviar.

07/03/2021 00:20

Sigo aguardando a resposta do STP. Será se falei besteira, escrevi mais do que deveria?

Espero que sejam profissionais e me respondam logo, sem frescuras.

08/03/2021 20:00

Olá, Rafael

Agradecemos o seu interesse, mas infelizmente não estou trabalhando com esse tipo de serviço desde o começo da pandemia. Espero que consiga realizar seu trabalho.

Favor ã entrar mais em contato.

O STP respondeu. Não sei como interpretar a frase de apoio incentivando meu trabalho seguida de outra desencorajando qualquer comunicação. Não insistirei, claro. Mas sinto que vou ter que viver mal resolvido com isso.

09/03/2021 00:03

Vi em Bresson: O que vocês jovens têm hoje em dia? ... Hoje em dia são jovens maltrapilhos que acham que trabalham mais do que todos porque nunca conseguem terminar nada.

Hoje cortei meu dedo lavando a louça e inventei um jogo: escolher uma palavra e tentar escrever ao redor dela, evitando nomear ou delimitar a palavra. Tentei fazer com assuntos mais abstratos como o fracasso (claro), mas o exercício que dei voltas ao redor de *picolé* foi especialmente divertido.

12/03/2021 00:13

Escrever não acontece em momentos de calma, não tem nada a ver com inspiração ou momentos de paz. Estou sempre lendo, são muitas as vozes, histórias e situações que rodam em minha cabeça em *heavy rotations*. Mas de nada serve, não é isso o que me faz escrever. É completamente possível uma pessoa passar a vida inteira lendo e não escrever uma única linha. Claro, a vontade sempre estará lá. Toda leitora e leitor conhece o desejo de pegar uma palavra aqui, outra ali, e pronto, cá está um texto. Roubar frases que gostamos, cenas inteiras, jogos de palavras. Mas é uma faca de dois gumes, um esquema de dupla pinça: quanto mais conhecemos as palavras, mais combinações podemos fazer para criar desculpas, motivos e razões para não escrever.

Porque escrever não é um processo prazeroso, assim como respirar não causa prazer. Para quem escreve, não passa de uma questão de sobrevivência. *Heavy rotations*. Quanto mais eu escrevo, menos eu penso. *Heavy rotations*. Quanto mais eu escrevo, menos eu penso. *Heavy rotations*. Quanto mais eu escrevo, menos eu penso. *Heavy rotations*. Quanto mais eu escrevo, menos eu penso.

13/03/2021 00:05

Hoje escrevi o que pude. Tive que elaborar um ofício para a secretaria de cultura. Não vai dar certo entregar o filme, não para o prazo do dia 06 de Abril, então fiz o documento pedindo prorrogação do prazo de realização. Fico com um frio na barriga, não sei que consequências sofrerei se não conseguir entregar o trabalho e não aceitarem meu pedido de prorrogação. Durante o ano de realização do filme (que acontece em plena pandemia), passamos por dois momentos de *lockdown*, medidas mais restritivas de locomoção pela cidade.

Não posso ir a casa do montador trabalhar, a ansiedade me perturba o tempo todo e parece que a secretaria de cultura sofreu um maldito atentado, um sabotador secreto que entrou e cortou a linha de todos os telefones, deixando-os indisponíveis. Estão indisponíveis há pelo menos 10 dias, de manhã e de tarde, diga-se de passagem. Talvez as pessoas que trabalham por lá não tenham percebido o atentado. Ou talvez tenham percebido, mas decidiram deliberadamente deixar todas as linhas de telefone cortadas e seguem agradecendo secretamente ao misterioso sabotador.

O documento foi um dos textos mais estranhos que já escrevi, o formato burocrático torna a escrita ainda mais difícil. Talvez seja mais fácil meu texto só com a vogal A. Se escrever esse TCC está sendo difícil, imagina trabalhar como servidor público todos os dias e viver escrevendo assim.

Segue o documento:

OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO

Fortaleza, 13 de Março de 2021

Ao Senhor Secretário de Cultura de Fortaleza e Secretaria de Cultura de Fortaleza

Assunto: Solicito PRORROGAÇÃO DO PRAZO DE VIGÊNCIA DO PROJETO

Em razão da segunda grande onda de casos de COVID-19, sendo essa onda especialmente mais letal que a primeira, uma vez que estamos lidando uma variante do corona ainda mais perigosa, sem previsão de fim e seguindo com nível de periculosidade cada vez maior, venho por meio deste ofício solicitar a ampliação do termo de vigência de meu projeto aprovado no VIII edital das artes.

2. A realização de todo o processo de execução do projeto durante a pandemia (essa é a segunda onda que vivemos durante o processo) está sendo especialmente difícil, uma vez que o projeto lida com a realização e finalização de um filme, complexo processo que exige a presença de vários profissionais específicos. A necessidade de estar com equipe foi impossibilitada durante a pandemia, resultando numa série de adiamentos de gravações e adaptações de horários. Estamos, agora, no momento de montagem do filme. Mas Fortaleza está, atualmente, passando por um processo de “lockdown”, ou seja, medidas mais restritivas de transição pela cidade, impossibilitando a realização da montagem, assim como outros itens previstos no projeto e que ainda serão realizados, como a contratação de editor(a) de som para o filme, Assessoria de comunicação, Elaboração de redes sociais, Anúncios de Jornais e revistas.

3. Entendendo que o fim do período de vigência do projeto é para o dia 06 de Abril, ou seja, faltando menos de um mês, julgo que o restante dos itens do projeto não poderão ser realizados no período inicialmente previsto. Por isso eu, Rafael Carneiro Brasileiro, cadastrado no RG sob o nº xxxxxxxxxxxxxx, CPF xxx.xxx.xxx-xx, responsável pelo projeto aprovado mediante o termo de concessão de apoio financeiro N°xxx/2020/SECULTFOR - VIII Edital das Artes, solicito a prorrogação do prazo de vigência em 120 dias contados a partir da data de encerramento do projeto prevista para o dia 06 de Abril de 2021 período que julgo o bastante para a onda de corona vírus diminuir, as medidas restritivas acabarem e assim ser possível realizar o restante dos itens previamente propostos no projeto aprovado.

Atenciosamente,

R.

O que eu realmente queria dizer era:

OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO

Fortaleza, 13 de Março de 2021

Ao Senhor Secretário de Cultura de Fortaleza e Secretaria de Cultura de Fortaleza

Assunto: Solicito PRORROGAÇÃO DO PRAZO DE VIGÊNCIA DO PROJETO

Vocês tão doidos de não prorrogarem esse prazo? Estamos numa pandemia, porra. Podem ir me dando *pelo menos* mais uns 120 dias pra ver se consigo fazer o que tenho que fazer. E olhe lá, pode ser que eu acabe precisando de mais tempo.

Se não me derem, sou capaz até de processar o Estado.

Atenciosamente,

R.

14/03/2021 01:10

É uma estranha coreografia. Ligo o computador, pego um travesseiro da cama e coloco no assento de minha cadeira (uma daquelas típicas de escritório), sento e passo pelo menos meia hora mexendo em coisas do computador. A primeira meia hora nunca serve para nada. Não reviso textos, não olho dicionários e nem faço um exercício de mergulhar na escrita. É, talvez, o pior aquecimento para escrever que eu já tenha conhecido. E sou o único e exclusivo criador desse método tão rigorosamente improdutivo. (Nota para tentar patentear o método)(nota para pesquisar como funciona o sistema de patentes no Brasil).

Ultimamente venho observando um *frame* que fica na página inicial do meu computador de Francis Aly empurrando um enorme bloco de gelo com as mãos, as costas curvadas e os tênis all-star pisando em cima do asfalto molhado sinalizando o caminho por onde estava a empurrar. Algumas coisas não levam a nada, o título sempre me impressiona. Um bom título abre portas, assim como bons nomes para personagens.

Finalmente abro o texto, releio o final da última entrada que fiz aqui não para me localizar (escrevo para o agora), mas por simplesmente estar acostumado a ler, antes de prioritariamente escrever. Gostaria que não o fizesse assim, tão automaticamente.

17/03/2021 21:13

Hoje me sinto só. Recebi confirmação de abertura de protocolo com a SECULTFOR. Só o nome me dá frio na barriga. O mundo da burocracia mais se assemelha ao universo de um *thriller* de Hitchcock ou aos *espíões* de Clouzot. Um filme tenso, pronto, sem referências pedantes. Ah, me lembra Kafka também, uma coisa meio terror. E Samanta Schweblin.

Faltam poucos dias para a apresentação e sinto que esse trabalho pode ser a maior enrascada que já me envolvi. O que apresentarei? O que *pode* ser essa apresentação?

Hoje escutei de uma amiga universitária que também estava tentando se formar, mas desistiu há pouco tempo de entregar o TCC esse semestre, que ela não queria que o trabalho se tornasse um fardo. Fiquei logo pensando no que estou fazendo aqui quando ela me disse: Ah, pelo menos você teve essa *sacada* pro seu trabalho, né?

E acho que agora entendi essa *sacada* é, na verdade. Estou a apresentar algo que, em tese, não deveria ser apresentável. Não só o processo, mas o processo de algo destinado a falhar. Que se propõe insistentemente ao nada.

Aqui eu talvez esteja a fazer um possível meme para os futuros alunos do curso, um motivo de risos. Um “Manual Para as Pessoas Procrastinadoras que Sonham em se Formar” (nota para patentear)(nota relembrando para pesquisar como se funciona o sistema de patentes no Brasil). Pode ser que isso seja minha cova. Sinto constantemente a ansiedade de que a banca avaliadora, meu orientador ou qualquer leitora poderá me desvendar, tirar minha fantasia de escritor e sobrar apenas o corpo cansado, as ridículas marcas vermelhas na barriga, exatamente onde os pequenos pedacinhos de gordura ficam a se amontoar, as costas tortas, os dentes amarelados, os cabelos precisando de um corte, as malditas olheiras, o desvio de septo e a constante vermelhidão do nariz denunciando as pilhas de livros empoeirados e suas consequências.

17/03/2021 00:17

Hoje é, sem dúvida, o dia mais difícil que já passei. Ninguém me falou, em nenhum momento, que a vida seria tão difícil.

18/03/2021 17:30

Dormi o dia inteiro, praticamente. Acordei me dando conta que não assisti a minhas aulas EAD, talvez não tenha assistido as aulas da última semana também. Improvisei um lanche e assisti ao pôr do sol na varanda enquanto lia Alejandro Zambra. Observei uma velha senhora do prédio logo em frente a minha janela ir e vir em sua varanda, dois longos corredores que se juntavam, formando um L. Caminhava vestida com os modelos mais coloridos que aquelas roupas ergonômicas de academia podem ter. Vez ou outra eu levantava o olhar do livro e observava a velha caminhando concentrada, sem nunca

demonstrar um mínimo sinal de cansaço. Inspirado, procurei meus antigos tênis de caminhada pelo que me pareceu meia hora, mas não os encontrei. Acabei fazendo exercícios de pijamas, as flexões eu fiz em cima da cama. Me arrependi de não ter continuado a leitura.

O prazo de entrega da escrita se aproxima do fim. Estou longe de ter o que posso chamar de um livro, não tenho nenhum conto pronto.

Mas para aproveitar o clima de conclusão que as últimas páginas de qualquer trabalho evocam, sinalizo algumas coisas que julgo importante para o entendimento do trabalho:

1-Assim como observei a mulher hoje, alguém poderia ter me observado do prédio em frente ao meu. Imaginemos uma câmera de cinema, observadora e invasiva, apontada diretamente para a minha janela. O que se vê na montagem das imagens captadas durante os dias que estive fazendo esse trabalho são as de um homem, seu rosto iluminado apenas pela difusa e branca luz do computador, trabalhando horas a fio, dias e dias em alguma coisa que não se vê, a câmera não se interessa por isso. Claro, serão vistos também os dias em que não escrevi. Em que deitei numa rede e passei o tempo em que deveria escrever apenas lendo, nos dias em que não consegui deitar numa rede porque estava tendo uma crise ansiosa, porque estava sentindo culpa por não ter escrito nada, culpa por ter escrito pouca coisa, culpa por ter escrito muita merda e culpa por estar fazendo um trabalho que é, por excelência, um exercício de perda de tempo.

2-Os cartazes de *Perca tempo* de Brígida Campbell

3-O que quero dizer é que, por mais que pareça que esse texto é um trabalho de mau gosto, não foi feito com essa intenção. Trabalhei dias e dias para que, no final, *isso* seja apresentado.

01/04/2021

Passei os últimos dias extremamente ocupado. Tive que ler e reler muito, estou quase me formando (!).

Hoje é a última entrada no diário antes de enviar para a banca avaliadora.

Para os mais curiosos:

O filme dos pássaros continua em montagem. A prefeitura garantiu que prorrogará o prazo de entrega. Não estou livre, mas estou menos preocupado. Mandeí mensagem para o STP perguntando se algum dia voltarão as atividades, mas não tive resposta. Acho que bloquearam meu e-mail. Esqueci de renovar minha carteira de motorista. Não consegui escrever.

MANUAL DE LEITURA

O que segue são textos incompletos. Seguem algumas indicações:

1 – Um é par, outro é ímpar. (Solução do capítulo 34 do Jogo da Amarelinha)

2 – Por onde andará Raimunda?

3 – Nem fim, nem começo.

4 – Não existe remédio para tudo, mas existem soluções.

5 – Falando sério agora #1

6 – Falando sério agora #2

7 – Falando sério agora #3

1.

Aquilo acontecia desde sempre e ainda assim continuava incomodando, mas Por não ter onde ir estava sempre a mover-se pelas ruas avenidas becos da fazer o que o garoto escutava que só se pode tomar banho em praias se cidade, observava os transeuntes com contas a pagar ou olheiras enormes e estiver usando traje apropriado, nesse caso uma teimosa sunga com elástico ficava se perguntando o que causava insônia naquelas pessoas durante a esticado que insistia em tentar fugir do corpo magro do garoto, a mão direita noite, tentava ser um pouco de tudo o que via, ver era o que usava para criar apertava a lateral do tecido a esquerda avançava corajosamente contra as seu mundo, só é possível ser o que vemos, era o que pensava cada vez que ondas, fazendo um movimento parecido com o de afaste-se, por favor, mas entrava e saía das lojas do centro enquanto rodava em prédios de órgãos sem sucesso, o mar não se fazia de educado, é claro que nessa altura da vida públicos e quando era expulso das casas noturnas arrastado por debaixo dos um garoto já tem cartas na manga e sua principal era o fato de que a água na braços por seguranças, encontrava riquezas inimagináveis em caixas de qual tomava banho não era cristalina, longe disso tinha uma cor espessa que fotografias e álbuns de família e tornava-se dono de tudo aquilo que passava fazia toda a imensidão por baixo da superfície uma zona obscura como um em mãos, tinha em mãos mas era com os olhos que sentia o motor do fusca quarto quando se apagam as luzes e não se pode por algum motivo deixar a branco que balançava para cima e para baixo, o calor no peito ao ver a família solitária luz do banheiro acesa, o garoto não morava numa praia paradisíaca ao redor da mesa com um banquete servido fricassê arroz à grega e como as que vê na internet e agradecia a deus por isso pois podia mergulhar refrigerantes, os olhos saboreavam as imagens e molhava também as mar adentro e tirar sua sunga sem medo de ser visto através da água, a água imagens quando chorava vendo as fotos das famílias que nunca teve, pessoas como uma segunda pele molhada disforme rude e ainda assim protetora que o que não conhecia e nem viria a conhecer mas cujas lembranças pulsavam em fazia lembrar de suas memórias mais antigas e olha que só tinha sete anos de sua memória e nas pupilas, vivia casamentos festas velórios banhos de idade e quase nada parecia ter passado há tanto tempo assim, lembrando

cachoeira e encontrava-se em espelhos poças de água vivia a pele negra, a segurava a sunga defeituosa entre os dedos do pé para liberar as mãos e pele branca, cabelos que cobriam seus olhos barba que esquentava o rosto, deslizava o corpo inteiro para trás, boiando o corpo no mar.

vivia tudo isso quando ia ao cinema para ver a enorme tela que exibia não O garoto se rendia ao mar e sentia-se seguro, a voz adulta que revolia em sua apenas projeções de tudo o que a vida poderia ser, mas eram essencialmente cabeça dizendo: o mar não tem cabelos já estava distante demais do que a vida ali em luz.

estava ao seu redor e por isso poderia dar atenção ao que queria e percebia Resultado de suas andanças não poderia ser outro e lá estava agora movendo- que o que queria era abstrato e por isso tão distante quanto a voz adulta que se incessantemente num pequeno cubículo de três metros quadrados naquele insistia em ressoar em seus pensamentos dizendo que o mar não tem cabelos, hospício que ficava de frente ao mar, constatação que fazia ao ver através das tudo bem eu também não tenho tantos cabelos assim e se sentia tranquilo por grades da janela a imensidão marítima e seu movimento de ir e vir dentro do se sentir mais próximo do mar do que dos humanos boiando com o corpo nu quarto sofria leve alterações, como se seu corpo fosse adaptável como a água, na água.

vivia assim por puro prazer e o que via o satisfazia à medida que se movia Flutuava com a barriga para cima como se estivesse numa cama, parte da pelo pequeno quarto, pé esquerdo à frente, pé direito à frente, pé esquerdo à cabeça mergulhada fazia o som de seu coração reverberar alto como as ondas frente, pé direito à frente, meia volta volver, o giro sempre realizado para o que o cercavam, era assim que estava o garoto à medida que se dava conta lado esquerdo seguindo as normas militares que viu com os próprios olhos que relaxar demais também tem seus perigos e agora deveria lidar com as sendo realizadas por batalhões de mulheres e homens que assim como ele consequências de seu relaxamento: a sunga que segurava com dedos do pé já viviam com os olhos.

estava explorando regiões inacessíveis para seu pequeno corpo humano e Estava proibido de assistir à tevê, recomendação escrita na receita médica ao sentia vergonha, desejava voltar para o colo dos pais, queria escutar

lado do haloperidol, por isso não ficava com a maioria dos outros pacientes em novamente que o mar não tem cabelos e dessa vez estava disposto a frente ao aparelho televisivo, o ato de zapear os canais era como uma reconhecer todas as diferenças entre ele e o oceano, levantava sua cabeça e overdose de informações e causavam efeitos intensos em seu corpo desde dor preparava-se para nadar como fazia nas tediosas aulas de natação que era de cabeça e irritabilidade até extremas convulsões, a maior parte de seu forçado a ir, mas sentia calafrios ao dar falta das raias de proteção que tempo era acompanhado pelo enfermeiro Jesus, que era muita coisa menos altivamente guiavam seu caminho quando nadava em alta velocidade religioso, quando ficava a caminhar à beira-mar e na pequena biblioteca da repetindo os movimentos que o faziam o primeiro da turma, girava seu corpo clínica onde podia passear entre os poucos volumes que eram guardados por ao redor do próprio eixo, olhava em todas as direções e a imagem lá, ao mesmo tempo que Jesus se divertia lendo trechos de livros em voz alta e interminável do horizonte marítimo feria a confiança infantil que levava o assistia tropeçar nas palavras que escutava: palavras com Z causavam consigo.

contrações em seus joelhos, palavras com RR faziam-no dar dois passos com o Pequena faixa de areia, não sabia dizer a distância só tinha certeza que era mesmo pé e interrogações provocavam variadas cambalhotas que o enchiam mais longe do que conseguiria nadar, a gravidade agia de maneira diferente de hematomas por todo o corpo.

do que tinha costume, sentia como se houvesse halteres amarrados aos seus De todos os livros da biblioteca o que mais gostava era um pequeno atlas braços e pernas, os pés balançavam procurando qualquer apoio que o geográfico edição antiga com mapas do mundo inteiro e as cidades rios países fizessem lembrar como era pisar em terra firme.

eram percorridos dia após dia naquele hospício que era maior que o mundo, Nadar cansa. Pensar cansa. tentar gritar por socorro cada vez que suspendia a teoria que comprovou ao arrancar todas as páginas do livro e colocá-las lado a cabeça para fora da água cansava mais do que era possível suportar, mas lado espalhadas pelo chão: o mundo inteiro mal ocupava seu quarto e sentiu ainda assim o fazia, era a sua vida que estava em jogo, lutava com as ondas

-se ridículo por ter caído num truque barato que propunha tanta coisa em do mar e contra a culpa de ter percebido tarde demais a dimensão do perigo pouco mais de quarenta páginas.

em que estava se metendo, relaxar demais tinha suas consequências e estava Jogou as páginas ao vento e as assistiu voar com imenso prazer até o mar só a encontrar com elas quando

para logo em seguida serem levadas pelas ondas, até os mares do mapa são Quando encontrou páginas molhadas de um velho mapa que pregavam-se ao enganosos, agora podia afirmar com certeza e esboçou sorriso de quem está a seu corpo, ao se perceber nadando nu com países colando a si ficou pensando descobrir coisas que poucos sabem.

que talvez ali aquela história já pudesse ter fim.

2.

Transeuntes enchiam meus olhos e as ruas, os gritos disputavam com buzinas, os solados no calçamento quente, o suor, o maldito suor, a camiseta quente que escolhi e me arrependi, a bolsa que começava a pesar meus ombros e causar desconforto, o café recém-bebido da pequena barraquinha de tapiocas que fazia festas em minha barriga. Resumindo era sábado de manhã, no centro.

Procurava alguma razão para escrever. Mas na ocasião não pensava assim. Dizia para mim que inventaria modos de viver com minhas escritas, estava tentando fazer dinheiro com minhas histórias. A verdade é que passava manhãs e tardes lendo e escrevendo pelo centro. Mais lia do que escrevia. Tinha certeza que todo mundo era assim. Das bibliotecas de limpeza hospitalar aos claustrofóbicos sebos, sempre encontrava palavras que instigavam outras palavras e também tinha certeza que assim nasciam os textos.

Havia impresso e encadernado manualmente dois de meus textos, dois curtos contos que eram meu melhor material da época. O melhor material que tinha *organizado*. Talvez achasse que eram seus melhores textos exatamente porque estavam organizados.

Encontrei-me com B num pequeno café de esquina, logo atrás do teatro José de Alencar. Sentamos numa mesa de plástico amarela e B pediu dois cafés para a garçonete que estava encostada num poste da esquina fumando um cigarro. Ela usava um avental que um dia fora branco, mas com os anos se tornou um amarelo desbotado. Estava trabalhando de chinelos e só se moveu para entrar na cozinha e fazer nosso pedido depois de terminar o seu cigarro que parecia fumar lentamente só com o intuito de perturbar B que não parava de mover o pé debaixo da mesa. B estava com os longos cabelos presos e a barba feita, coisa rara, já que vivia ostentando uma longa barba. Estava usando calças e blusa de botões, bem como um tênis tão novo que parecia ser a primeira vez que usava, talvez fosse mesmo.

B: A galera gosta dos seus textos, acham engraçado. Sabe como é difícil fazer um texto engraçado?

B faz uma pausa, enxuga o suor da testa com a palma da mão.

B: Pô, eu amava esse lugar. Sério. Venho aqui desde que me mudei pra Fortaleza. Mas aí ela substituiu a Raimunda e tudo mudou, parece que nem é o mesmo bar.

Falou apontando nada discretamente para a garçonete que continuava fumando seu cigarro.

B: A Raimunda amava minhas histórias, algum dia vou fazer um texto em homenagem a ela. Sério. Perdi a conta de quantas vezes li as minhas coisas pra ela. E ela prestava atenção, atenção mesmo. Lembra quando eu mostrei seu conto do barbeador pra ela?

Não fiz que sim nem que não com a cabeça, fui interrompido pela garçonete que colocou duas xícaras de café preto em nossa mesa de plástico. B fez um sinal agradecendo e a dispensando com uma única mão enquanto continuava a falar.

B: eu mesmo amo o texto do cara se barbeando, aquele que ele se corta enquanto faz a barba e o sangramento, mesmo pouco, nunca para. O cara fica com... aliás, você sabe como o cara fica, você escreveu, né...

: E cadê ela?

B: Ela quem, a Raimunda? Só deus sabe. Uma vez ela me contou que vinha foragida do Piauí, tinha se envolvido com um cara e deu merda com ele, não sei.

: E o que isso tem a ver? O cara veio pra cá buscando por ela?

B encostou o copo de café na boca, faz cara feia

B: Ei! Ôu! Esse café tá frio!

Ficamos ambos olhando a garçonete vir pegar nossas xícaras e entrar na porta que dava para a cozinha sem falar uma única palavra. Não me importava com o café frio, não queria café.

B: Já viu isso? A gente já paga pelo café e ainda querem vender frio? Não sei se o cara voltou

B faz um sinal com a mão apontando para o próprio ouvido enquanto a outra mão gesticula um ir e vir me convidando para aproximar.

B: mas uma vez ela me pediu uma arma. Eu lembro que morri de rir, tentando disfarçar, mas o olhar dela dizia que era sério.

: Mas e aí?

B: e aí o que? Você sabe que morro de medo de -

B para de falar quando a garçonete se aproxima com duas xícaras de café, a fumaça das xícaras tocavam o rosto da mulher que nos servia e me deu a impressão de que parecia muito mais velha do que parecia quando a vi fumando seu cigarro.

B: Olha, esse cara aqui vai ser um escritor famoso, beleza?

B apontava para mim enquanto se dirigia para a garçonete

B: então não me venha com esse café requentado, pode passar outro lá na cozinha.

Garçonete: Então voltem quando estiverem famosos. Até lá, podem beber o café que eu trouxe. E se quiserem me chamar, falem meu nome. Monalisa. Senhora Monalisa pra você, escritorzinho.

Ficamos eu, B e Monalisa em silêncio pelo que pareceu uma eternidade. Monalisa deixou os cafés na mesa e seguiu para fumar mais um cigarro

: Valeu, agora ela não me esquece. E sem chances dela dizer qualquer coisa sobre a Raimunda.

B: O que você quer com ela? Ela sumiu, é isso.

: A Raimunda sumiu, mas Monalisa tá bem ali e agora me odeia tanto quanto odeio você.

B: Grandes coisas. Olha, pelo que tudo indica vai rolar uma publicação junto com o jornal. Edição, revisão, coisas que a gente não tem. E grana, vai ter grana. Tipo grana séria.

B riu, levantando a cabeça e quase derrubando nossa mesa

B: Cara. Não, sério. Seu olhos *bri/h*aram agora.

: Não enche. E ainda tem um “porém”, não tem? Com você sempre tem uma coisinha a mais.

B: Tem, mas nada demais. A galera quer fazer várias apresentações pra lançar o livro, aquela coisa bem paparicada. Mas não tem segredo, só ajeitar essa tua barba mal feita e usar a melhor roupa que tiver.

: Nada demais pra você que tem essa autoestima gigantesca. Você precisa ser estudado.

B: Olha, seus textos são bons. Sério. Funcionam. Você é o culpado por isso, o texto é seu, não tem como não ser culpa sua.

:o texto é engraçado por conta própria. Se eu ler em voz alta, fica sem graça.

B: então faz um curso de teatro, contrata uma atriz pra ler, fica treinando no espelho, não sei. Sério, você vive dificultando as coisas.

: Eu sei escrever. E olha lá que-

B: posso beber seu café? Você não vai gostar mesmo, tá só o mel, garapa de posto de gasolina de beira de estrada, aqueles cafés que ficam tão doce que nem -

Monalisa se aproxima com o cigarro aceso em mãos, interrompendo os exageros de B

Monalisa: vocês são os caras da história do barbeador?

B olhou pra mim, senti que segurava o riso. Tirei uma cópia do texto da mochila e ofereci a Monalisa. Ela pegou, passou os olhos no título e segurou atrás das costas.

Monalisa: Olha, vocês são amigos da mana que trabalhava aqui? Ela deixou um negócio pro Breno. Pra você, pelo jeito.

Ela disse apontando para B.

: eu não tenho cara de Breno?

Disse tentando provocá-la, queria saber porque descartara a possibilidade que eu fosse o tal amigo que buscava.

Monalisa: Porque ela falou que o Breno tem um amigo escritor muito talentoso, nunca falou que o Breno é talentoso. E também porque seu nome está aqui no papel que você me deu, geniosinho. Não saiam daqui, vou pegar uma coisa.

Antes de sair, apagou o cigarro na mesa de plástico, deixando uma pequena marca. Monalisa tinha um jeito especial de me deixar desconfortável. Ela ainda não gostava da gente, pude perceber. Arrependi-me de ter dado um de meus textos tão rapidamente.

B: Caralho. Pense numa língua afiada, sério. Será se ela escreve?

Continuei mudo até Monalisa voltar, Breno terminou de tomar a segunda xícara de café.

3.

Estava por perto reparando naquele homem. Roupas largas reforçando sua magreza, calça de linho e camisa de botões, usava óculos de grande armação, cabelos brancos rebeldes vazando pela lateral da boina surrada apoiada na cabeça, o suor escorrendo pelo rosto imberbe, as enormes manchas debaixo dos braços mostrando que já estava há horas por ali. Balançava as mãos por cima da cabeça como um louco. Em suas mãos vê-se livro.

“Um por dez, três por vinte e cinco”

Treinava a voz como o sol queimava o asfalto, o som sufocando rapidamente para o ruído da cidade. Gritava pra quem quisesse ouvir, a maioria só passava direto, nem olhava. O vendedor não se abatia, não podia se dar esse luxo. Estava ali pra vender livros, não pra bater boca.

Antes armava seu negócio com outros do ramo, era mais um entre tantos. Mas há bastante tempo percebera que se distanciar dos outros vendedores também tinha suas vantagens, por isso trabalhava na praça do Teatro José de Alencar, que em frente só havia dois estandes de livros, sua e do Jabá. Chegou ali primeiro e com uma semana o Jabá chegou junto, montou a mesinha de metal enferrujado ao lado da sua amadeirada sem dizer nada e desde então eram vizinhos de vendas. Amigos não eram, estavam mais para cúmplices.

Em cima de sua pequena mesa Jabá colocava manuais escolares, folhetos, guias, tudo o que era escrito e podia ser vendido. Mesmo assim, Jabá não era vendedor de livros, mas de livro. Praticamente só vendia um único produto: a bíblia. Vendia barato, bíblia tem em todo canto, então o negócio era vender na quantidade. E como vendia.

“Quem é bom vende até bula, nome-feio”

“Tu só vende capa preta, Jabá. Baixa a bola aí”

“Todo mundo quer parecer religioso quando tá em multidão, nem que seja pra ser visto carregando esse negócio pra cima e pra baixo”

Falava desse jeito mesmo, chamando de “negócio”. Não tinha fé, não praticava. Para atrair, recitava de cor algumas passagens. Ficavam numa eterna disputa:

“O que foi, isso vai ser, e o que se fez, isso será...”

Bastava começar e chegavam interessados, todo dia era assim. Jabá ajudava nas vendas da tarde, mesmo que indiretamente. Quem compra um, compra dois, isso é sabedoria popular. Poderia ser um grande vendedor, se não fossem seus vícios: bebia durante a noite nos bares do centro, de manhã só era visto na cama.

Foi numa tarde que Jabá estava com olheiras fundas de ressaca, ainda bêbado do dia anterior, que apontou pra uma jovem mulher que olhava os livros em cima da mesa de madeira

“óia a menina bulinando com teus livro”

“Não ligue pra ele, moça. Tá baqueado do sol”

Ela apressou-se em corrigir Jabá

“O que foi, isso é o que há de ser, e o que se fez, isso se tornará a fazer... Baqueado de cachaça, tô vendo”

Não sabia o que dizer, calou-se. Ela corrigir aquela passagem com tanta segurança o intimidou, ele mesmo já tinha escutado aquela frase de tanto jeito que era incapaz de dizer como era a passagem original.

4.

Receita médica virtual para o paciente de número 2666, Leafar Lima, escrita pelo médico doutor em psiquiatria Simão Bacamarte (CRM:6222) em circunstância de consulta online realizada no dia 04/03/2021

A receita vem acompanhada de nota explicativa, excepcionalmente por orientação do médico.

Receita:

Fluoxetina (Tomar de 12/12h)

Duas placas de Ósmio (para colocar dentro dos calçados, debaixo da sola)

Nota:

Leafar, sinto dizer que seu caso é grave.

Não venho com o intuito de te assustar ou tirar suas esperanças de uma recuperação. A finalidade é apenas estabelecer, entre nós dois, que também estou confuso. Pois por mais que tenha muitos anos de experiência e tenha visto todo os tipos de casos peculiares (que depois posso te contar, vi que se interessa por histórias), nunca vi algo parecido com o que você tem.

Verá que optei por tomar algumas decisões peculiares.

A receita de Fluoxetina é a parte mais convencional do tratamento, servirá para desacelerar um pouco suas preocupações em relação à sua situação. Toda doença incomum como a sua causa dificuldades para manter uma rotina, então tente não ficar se lamentando tanto. Há, sim, alguns pontos positivos que julgo importantes para agora e que ajudarão com a ansiedade:

A: Trata-se de um caso não fatal. Pode parecer besteira, mas são raras novas doenças que tenham efeitos tão leves (perdoe o inevitável trocadilho), então aprecie toda a vida que te pertence.

B: Em todo o tempo que venho te acompanhando, os sintomas não demonstram o menor sinal de piora, com exceção do incidente dentro do cinema mencionado em consulta. Pode até me chamar de otimista, mas não ter acontecido nada parecido com o dia do cinema (inclusive em subseqüentes visitas ao cinema) me mostram que tem muito relacionado ao seu estado de espírito, sobre como você vem se sentindo.

C: Segue o telefone de um cara, Régis Bioy, um amigo de infância que hoje trabalha com a confecção de peças raras. Normalmente Régis monta peças específicas para projetos arquitetônicos, ele já tem um nome e tanto no meio, pelo que entendo. Conversei com ele, pedi um antigo favor e ele tem que ajudar. Peço que entre em contato com ele para combinarem os pormenores, mas recomendo que antes de fazer a ligação você tire as medidas de seus sapatos. O ósmio é bem raro, então as placas podem sair caras. Mas garanto que placas minúsculas serão extremamente pesadas e evitarão suas flutuações.

D: Recomendo você ver uma nutricionista. É possível que ganhar peso diminua a intensidade de seus episódios. Não tenho certeza, ninguém terá. Mas vale tentar, não é mesmo?

Aguardo seu retorno para nossa consulta semestral, vi que já até marcou para setembro, fico feliz que confia em mim para esse tratamento.

Reforço que caso aconteça outra crise você deve me contatar. Aproveito e passo o meu telefone junto com o de Régis.

Atenciosamente,
Simão Bacamarte.

5.

—Aí eu vi as duas olhando pra mim. Olhando torto, quase apontando pra mim.

—...

—Tenho nem ideia. Troquei um papo quando trabalhamos juntos, há muito tempo, mas não foram com minha cara. As pessoas não gostam muito de mim, às vezes acho que é meu jeito.

—...

—Valeu. De coração, valeu mesmo.

—...

(Sorriem)

—Mas falando sério agora, nem sei o que dizem de mim por aí. Não se pode controlar isso, né? A gente faz o certo pelo certo. O resto é o resto, tem nada que se possa fazer.

6.

—Não, falando sério agora. P'resta atenção. Sério, sério. Deixa eu ver... Aquilo lá que quando você faz fica mais inteligente mas demais fica insuportável. Que quase sempre está acompanhado de silêncio repletos de significados interrompidos por suspiros monumentais.

—...

—Levamos nas mãos, debaixo do braço, na ponta da língua. Mas principalmente na cabeça. As vezes vai longe, em fluxo, outras vezes dá voltas como um cão amputado corre atrás do vazio onde antes balançava o rabo.

—...

—Sim, corta a carne. Ou até pior.

—...

—Criam distinções entre si, alguns recebem títulos enquanto outros são menosprezados com a pior das punições que só o esquecimento pode criar. Adoecem com tanta poeira e amarelam.

—...

—Pior que nem sei te dizer se são bons ou ruins. Tem os que te fazem aquele *arrá*, fazendo cócegas no cérebro. Tem aqueles que causam desgosto, vontade de provocar. Mesmo com esses riscos, tem quem goste, não se entende as pessoas. Venhamos e convenhamos, tem uns que são besteira pura, passa-se melhor o tempo olhando os ponteiros do relógio em sua marcha cadenciada.

7.

—Não, falando sério agora. O que faz um manual de instruções do que a gente vê, ou lê, ou talvez seja mais algo como instruções do que sentir, de como pensar, não, pensar não, exagerei.

—...

—É que a gente se empolga, né, ainda mais fumando um enquanto troca ideia

—...

—Sim, é tipo isso. Mas é também como a gente conhece o mundo.

—...

— É que todo mundo faz, é legalizado fazer, aí já viu, né. Tem gente pra tudo.

—...

—É, sim, realmente tem sempre uns espertinhos que são do contra. Taí a razão pra ter filme com mais de três horas.

—...

—Claro que tu conhece, sou eu que não tô sabendo dizer. Mas conhece sim, só olhar teu *twitter*, é só o que tem lá. Já vi o padeiro fazendo, murmurando algo com o vendedor de pipocas da praça. Meus pais viviam fazendo, faziam por motivos diferentes para cada um dos filhos. Seus pais fizeram com você também. E você com eles, aposto.

—...

—Um acordo não dito é uma boa, mas não é exatamente isso.

—...

—Pode ser palavra. Pode não ser. Pode ser imagem, som. Às vezes a ausência de algo pode até a ajudar a ficar maior, ganhar mais corpo. Meia palavra pra um bom entendedor é tudo, né?

—...

CADERNO DO INVENTAR

A extravagância desse projeto está, de certa maneira, em flertar com uma certa escrita criminoso. Como num filme de detetive, deixei pistas por todo o percurso. Tentei criar conexões entre textos, repeti palavras aqui e ali, tornei a mencionar assuntos que antes tinham sido apenas previamente citados. É bem comum ver um criminoso falar como inocente, tentando assim burlar a responsabilidade que lhe diz respeito. Mas o que pode uma pessoa inocente que fala como se escondesse um crime?

Tudo isso não significa que tenho, aqui no final, um grande mistério para revelar. O que venho fazendo é, de certa maneira, estudando o fracasso como tema e também inventando um método fracassado de escrita.

Escrever é assumir a incompletude. A incompletude da palavra enquanto só a primeira letra está escrita, a incompletude da frase, depois do parágrafo, da página, da cena, *ad infinitum*. O branco da página é, antes do nada, a possibilidade de tudo. Posso ser tanto escritor como posso ser escrito, estar presente no texto. E é nesse entre-lugar que estive a passear com esse processo, explorando os limites do que eu entendo como autoficção. Porque ao mesmo tempo que narro uma história que se assemelha com a minha (inclusive com registros temporais), estou aproveitando o dispositivo literário para que, durante a *reescritura*, o momento de voltar ao texto, possa me ficcionalizar e, de certa maneira, tentar sumir de mim.

Para realizar esse pretensioso desejo de escrita usei-me de várias frases roubadas e citações fora de contexto, mas não só.

Peço, então, que não vejam esse personagem rabugento que insiste em escrever solitariamente como se fosse eu, mas quem sabe como uma extensão de mim, uma das várias elaborações que posso fazer sobre mim mesmo. Nada aqui é verdade nua e crua, nada é mentira. É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez. Tudo que não invento é falso. Há muitas maneiras sérias de não dizer nada.